

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS E ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE
METODOLOGIAS DE ENSINO PARA INVESTIGAÇÃO DO ENFRENTAMENTO
AO RACISMO NO COLÉGIO OLYNTO PEREIRA DE NO MUNICÍPIO DE RIO
VERDE - GO**

PERES, Júlia Pereira¹; COSTA, Jhonatan Walas²; NUNES, Patrícia Gouvêa³

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Rio Verde – GO
e-mail da autora: peres.julia16@hotmail.com

²Universidade de Rio Verde – UniRV – GO
e-mail do autor: jvcwalas62@gmail.com

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Rio Verde - GO
e-mail da autora: patricia.nunes@ifgoiano.edu.br

1. Introdução

Sabe-se que a sociedade brasileira é composta por uma diversidade cultural, incluindo diferentes grupos étnico-raciais, uma vez que a nação brasileira é composta por cerca de 43% de pessoas que se declaram pardas¹, segundo dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entretanto, a história de tal diversidade é manchada por desigualdades e discriminações, especificamente com o grupo étnico denominado afrodescendentes, dificultando o desenvolvimento econômico, social e políticos destes.

Nota-se que somente o desígnio de ações previstas nos documentos oficiais para a abordagem étnico-raciais nas escolas brasileiras, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: Diversidade e Inclusão, instituída pelo PARECER CNE/CEB Nº: 7/2010 e Diretrizes Curriculares Nacionais e Plano para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, instituído pelo Parecer 03/2204 de 2004, não garantem o real direito aos negros de se reconhecerem na cultura nacional, os quais deveriam ampliar os espaços para expressarem suas visões de mundo, se manifestarem, com autonomia individual e coletiva. Devido às desigualdades e discriminações sofridas pelos afrodescendentes já mencionadas, é perceptível a dificuldade dos negros ao acesso à educação de qualidade, diminuindo a chance de jovens alcançarem o ensino superior.

Desta forma, é válido refletir sobre propor ações nas escolas que contribuam para a efetivação dos documentos regulamentados por políticas públicas, em que cada cidadão tenha

¹Pardo: Manual do IBGE define como pessoas com variadas ascendências étnicas. Seja miscigenação mulata (descendentes de brancos e negros), cabocla (descendentes de brancos e ameríndios) cafuza (descendentes de negros e indígenas) ou mestiça.

a oportunidade de cursar todos os níveis de ensino, indiferente de sua etnia ou raça. Neste sentido, a valorização e o reconhecimento da história, a identidade e cultura dos afrodescendentes são indispensáveis para se ter uma educação de qualidade. Discorrendo acerca da ausência de metodologias dirigidas a projetos que valorizem a história e cultura dos afro-brasileiros e africanos, apresentar-se-á neste texto os estudos desenvolvidos num projeto de pesquisa que buscou fortalecer o compromisso com a educação para as relações étnico-raciais.

Compreendo, portanto, a importância e necessidade de oportunizar discussões sobre as relações étnico-raciais no ambiente escolar, este texto tem como objetivo apresentar elementos do estudo desenvolvido no projeto de pesquisa, “Relações étnico-raciais em escola: um estudo sobre metodologias de ensino para investigação do enfrentamento ao racismo no Colégio Olynto Pereira de Castro no município de Rio Verde – GO”, o qual procura identificar e discutir metodologias de ensino para discussão das relações étnico-raciais brasileiras no cotidiano escolar, com o intuito de promover e estimular a reflexão dos (das) estudantes sobre as questões que permeiam tais relações, com vistas à produção de subsídios teóricos para que os (as) estudantes possam ser multiplicadores de opiniões contrárias à discriminação e preconceito racial que ocorrem no ambiente escolar.

Desde modo, este estudo debateu as relações étnico-raciais no ambiente escolar, com ênfase no preconceito, discriminação e racismo sofridos por pessoas negras, e as questões colocadas diante deste conteúdo foram: O que é possível ser feito, enquanto professores (as), para reverter atos de racismo contra a população negra? Por que há tamanha discrepância de tratamento entre uma pessoa branca para uma pessoa negra na sociedade brasileira? Atitudes de preconceito, discriminação e racismo podem prejudicar o processo de ensino-aprendizagem dos (as) estudantes? Como oportunizar este debate na escola? Metodologias de ensino específicas para essa discussão podem contribuir para o enfrentamento do racismo na escola?

2. Metodologia

Este estudo utilizou-se da pesquisa qualitativa que busca, de acordo com Bogdan e Biklen (1982), a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando o processamento em relação ao produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Neste sentido, para o desenvolvimento da pesquisa, primeiramente fez-se necessário estudos teóricos sobre as relações étnico-raciais e utilizou-se de instrumentos metodológicos

como diário de bordo; análise de documentos, como livros didáticos e planos de aula, para identificar como são abordados a história afro-brasileira, discriminação e preconceito racial no planejamento da escola investigada; questionários e materiais didáticos lúcidos e dinâmicos para abordagem de metodologias de ensino diversificadas.

Para a organização das ações a serem executadas, partir-se do princípio de reuniões entre o grupo efetivo do trabalho envolvidos (as) no projeto, a fim de constituir subsídios teóricos sobre a questão discutida, principalmente em ambiente escolar, e em seguida, definir as primeiras ações a serem efetivadas.

A partir do conhecimento da complexidade da realidade social, entende-se que o ensino fragmentado não alcança sua totalidade, sendo necessário o diálogo entre disciplinas no processo de significação dos conteúdos estudados. Assim, visando articular os estudos propostos com as disciplinas como, Ciências, Língua Portuguesa, Artes, Filosofia e Sociologia, a equipe do projeto buscou estabelecer parceria com corpo docente do colégio para a realização do projeto.

Como primeira ação do projeto, foram analisados os materiais didáticos e planos de aula da disciplina de Ciências, a fim de verificar como é a abordagem dos conteúdos referentes às questões étnico-raciais. Para tanto, fez-se necessário, a utilização do diário de bordo.

Pela definição elaborada por Marconi e Lakatos (1999, p.100), tem-se o questionário como um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito. Dessa forma, objetivando identificar qual era o conhecimento dos (das) estudantes sobre a temática no projeto, elaborou-se um questionário, que seria aplicado nas turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental do colégio investigado. Este contendo 18 (dezoito) questões, onde havia um campo para que pudessem justificar suas respostas, e 1 (um) desenho para ser colorido.

O planejamento é fundamental na vida do ser humano e o acompanha desde o início da trajetória da humanidade, neste sentido, planejar as aulas desenvolvidas nas escolas pelos (as) educadores é essencial para alcançar os resultados esperados. Partindo desta reflexão, após a aplicação do questionário, foram planejadas aulas introdutórias sobre a temática aos (as) estudantes, ministradas pelos (as) bolsistas do projeto sob a supervisão da professora orientadora. Para tais aulas, utilizou-se de mídias digitais, como slides, vídeos e imagens ilustrativas para estimular o interesse e a compreensão dos (das) estudantes, quanto ao melhor entendimento da importância de discussões relativas à temática étnico-racial. As aulas ministradas também apresentaram o projeto e sua finalidade no colégio.

Buscando construir subsídios teóricos que pudessem oportunizar aos (as) estudantes a reflexão, realizou-se duas palestras, uma com uma bióloga, “Quem vê cor de pele, não vê DNA”, abordando a temática étnico-racial por um viés biológico, e outra com um sociólogo, cuja finalidade baseava-se em apresentar a temática discutida sob uma visão sociológica, de forma a discutir o conceito de “raça”, como um conceito construído socialmente. Tais palestras procuraram abordar uma explanação que pudesse apresentar conceitos diferentes entre o da biologia e da sociologia.

A fim de promover maior reflexão acerca dos conceitos de racismo, discriminação e violência racial, como próxima etapa, iniciou-se o planejamento das propostas de metodologias de ensino com as turmas do 6º, 7º, 8º e 9º do ensino fundamental do colégio investigado.

Propendendo abordar, em cada série, estratégias metodológicas de ensino diferentes acerca da temática étnico-racial, organizou-se as propostas didático-pedagógicas da seguinte maneira: para a turma do sexto ano, propôs-se um jogo de estratégia, com perguntas e respostas; com a turma do sétimo ano, elaboração de um livro de poesias, escritas pelos (as) próprios (as) alunos (as), intitulado “Menos Cor, Mais Amor”; à turma do oitavo ano, uma exposição de fotos, em que cada aluno (a) deveria apresentar duas fotografias, em que a primeiras apresentasse uma percepção sobre o racismo e a segunda contradizer o racismo e favorecer o respeito ao próximo; para os (as) estudantes do nono ano, propôs-se a elaboração de dissertações que abordassem a reflexão crítica do tema trabalhado e as três melhores elaboradas (avaliadas pelos bolsistas, com o auxílio da professora de Língua Portuguesa) seriam premiadas.

Para finalizar as ações realizadas, aplicou-se um segundo questionário, com algumas modificações feitas, com as mesmas turmas do colégio para analisar se haveria diferenças na percepção da temática étnico-racial pelos (as) estudantes, após a aplicação das estratégias pedagógicas trabalhadas nas turmas.

3. Desenvolvimento e resultados

O projeto apresentado neste texto desenvolveu várias ações, que vão de análises de materiais didáticos às metodologias de ensino para estratégias didático pedagógicas e para melhor exposição do caminho percorrido pelo projeto, optou-se por organizar as ações e

apresentá-las em seções e subseções.

3.1: Análises de Materiais

O desenvolvimento do projeto iniciou-se com a análise dos materiais didáticos e também, os planos de aula, com ênfase na disciplina de Ciências, com a finalidade de ter maior percepção da forma de abordagem dos conteúdos étnico-raciais. A partir deste diagnóstico, identificou-se que apenas um livro abordava este tema e, ainda, apenas de uma forma bem sucinta e sobre o período de escravidão.

Tal constatação é descrita na Diretrizes Curriculares Nacionais Básicas para a Educação: Diversidade e Inclusão, no momento em que afirma,

Sem a intervenção do Estado, os grupos marginalizados, incluindo os afrodescendentes, dificilmente, romperão o sistema meritocrático que agrava as desigualdades e gera injustiça, ao reger-se por critérios de exclusão, fundados em preconceitos e manutenção de privilégios para os sempre privilegiados. (DCNBE 2010, p.134.)

Algo também descrito na própria Constituição Federal, art. 205, quando assinala o dever do Estado de garantir, indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional, quando não há preocupação, do Estado, em desenvolver projetos a fim de assegurar os direitos das minorias.

De acordo com Ortiz (2005), o preconceito está presente na escola, já nas séries iniciais, a falta de materiais que tragam imagens positivas do negro, demonstra a discriminação sofrida pelas crianças na escola. Muitas vezes o preconceito em sala de aula é omitido pelos próprios professores que preferem se calar ao invés de discutir o assunto e propor alternativas para que ele seja erradicado.

3.2: Aplicação do Primeiro Questionário

O racismo não só prejudica quem é vítima dele, mas sim a todos os (as) envolvidos (as), como os (as) estudantes presentes nas salas de aula de todo o país. A sua prática pode gerar conflitos, desunião, principalmente quando não se toma atitudes frente a estes fatos. A negação ou apatia dos (as) educadores (as) em procurar soluções, as situações preconceituosas entre as crianças, reforçam os estereótipos e preconceitos. (ORTIZ, 2005). Partindo dessa análise, pode-se notar o quão raro esse tema é discutido em salas de aulas e a necessidade que se tem em mostrar para as novas gerações a importância da cultura afro-brasileira e o tamanho de sua

diversidade.

Com a aplicação do primeiro questionário, pôde-se ter uma percepção acerca dos conhecimentos gerais e dos principais conceitos sobre o assunto de discriminação e preconceito racial. No entanto, observou-se que a aplicação deste ocorreu de forma inesperada aos (as) alunos (as), pois eles (as) demonstraram certo espanto perante o tema abordado e por esta temática não ter sido trabalhada com eles (as), o que favoreceu a aplicação por despertar curiosidade nos (as) estudantes, no entanto, chamou a atenção quanto a ausência de diálogo sobre temáticas tão importante de serem discutidas em ambiente escolar.

De acordo com Mendes (2010) a palavra preconceito é formada pelo prefixo latino “pré” (anterioridade, antecedência) mais o substantivo “conceito” (opinião, reputação, julgamento, avaliação). O preconceito é, portanto, o conceito formado antes de se ter os conhecimentos necessários; é a opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação.

Ainda seguindo a linha de raciocínio de Mendes (2010), o preconceito racial sustenta a ideia da superioridade de uma raça em relação à outra, é algo formado a partir de crenças e juízos de valor que o homem sustenta sobre as diferenças raciais. É uma atitude sem reflexão, uma prática fundamentada na superioridade racial e conseqüentemente ignora e tem como inferior tudo que está relacionada à outra etnia. A diferença de cor neste caso torna-se uma justificativa para que pessoas preconceituosas a utilizem para julgá-los.

Ao analisar as respostas obtidas do questionário aplicado, o que propiciou a perceber-se que os (as) estudantes apresentaram certa confusão quanto aos conceitos de discriminação racial, racismo, preconceito e violência racial. Tiveram, ainda, alguns (as) alunos (as) que admitiram já terem sido vítimas de preconceito racial e, no entanto, não queriam discutir o assunto por se sentirem envergonhados pela sua cor.

Os preconceitos são óbvios quando cometidos, e raramente as pessoas assumem que são preconceituosas. Oliveira (2007) retrata muito bem isso em seu livro quando faz relatos de ALC1 uma aluna que se descreve preta do cabelo duro e que os alunos fazem sarro dela por ela ser preta, essa aluna é muito discriminada pelos coleguinhas de classe e nem mesmo a professora a enxergava na sala. ALC era pouco participativa apesar de ser uma aluna atenta ao que está ocorrendo, esse seria um ponto de partida para se trabalhar o preconceito nessa sala de aula e não foi utilizado. Fatos como esse vêm ocorrendo há muito tempo no ambiente escolar; além disso, ocorrem discussões e estudos sobre o preconceito, racismo, pluralidade cultural entre todos os temas relevantes que menosprezam as pessoas.

[...] uma imagem de negro (“preto”) como um ser que “vale menos”, que tem “direito” a “menos”, que “é menos” do que aquele que não o é. Uma imagem que

permeia a relação entre os alunos e que configura formas de relação entre “não-pretos” e “pretos” em que, muitas vezes, os primeiros se colocam incondicionalmente acima dos segundos e fazem de tudo para marcar esta “diferença que desvaloriza” (OLIVEIRA, 2007, p. 61).

Tais constatações demonstraram a emergência da discussão, no espaço escolar, sobre a cultura étnico-racial, mais até do que se pensava quando se propôs este projeto, pois quando alguns das respostas apresentadas no primeiro questionário foram transcritas em gráficos verificou-se com clareza a importância de trabalhos com a temática no espaço escolar.

3.3: Aulas Introdutórias

Já com a realização das aulas introdutórias para se discutir a discriminação racial, observou-se que tal abordagem causou certo impacto nos (nas) alunos (as) devido ao uso de diversas mídias digitais, como imagens e vídeos que tinham como intuito produzir uma reflexão interior em cada um dos (das) meninos (as) ali presentes. Como afirma em seus estudos Oliveira (2007),

[...] uma imagem de negro (“preto”) como um ser que “vale menos”, que tem “direito” a “menos”, que “é menos” do que aquele que não o é. Uma imagem que permeia a relação entre os alunos e que configura formas de relação entre “não-pretos” e “pretos” em que, muitas vezes, os primeiros se colocam incondicionalmente acima dos segundos e fazem de tudo para marcar esta “diferença que desvaloriza” (OLIVEIRA, 2007, p. 61).

A fim de oportunizar a reflexão nas aulas introdutórias, sugeriu-se a análise de caso com as turmas, em que os (as) alunos (as) se dividiam em grupo e descreviam uma situação em que os (as) mesmos (as) pudessem descrever casos em que fosse percebida a discriminação racial.

Em seguida, oportunizou-se uma discussão acerca da forma que se poderia solucionar tais casos, objetivando a reflexão sobre a discriminação. Conforme o pensamento de Kenny e Grotelueschen (1980, p. 03 e 04), “os objetivos desejados dos estudos de caso focalizam resultados humanistas ou diferenças culturais e não resultados comportamentais ou diferenças individuais”. A participação deles (as) foi surpreendente, muitos discutiam e mostravam aos colegas que não era a cor da pele que importava e, sim, sua personalidade interior.

3.4: Problematizando a temática: palestras reflexivas

As palestras favoreceram para um ótimo momento de discussão teórica sobre a

temática trabalhada. A primeira palestra introduziu aos alunos (as) a temática étnico-racial por um viés biológico que, de acordo com a biologia do corpo humano, não há diferenças genéticas entre pessoas com tons de pele diferentes, o que os separa é apenas o preconceito racial, sendo um mero conceito construído socialmente e não aceito pela biologia. Os (as) alunos (as) corroboraram forte participação na palestra, com muito interesse por ter um tema tão complexo explicado dentro de uma disciplina que eles (elas) conseguissem compreender melhor.

Já a segunda palestra, realizada por um sociólogo, apresentou os conceitos de discriminação, preconceito e violência racial por uma visão sociológica, desconstruindo os conceitos afirmados pela primeira palestra, sendo que tais conceitos não existem para a biologia genética e, no entanto, existem se observados por um viés sociológico. Com uma ótima explicação dada pelo professor, os (as) alunos (as) interagiram bastante, entendendo mais como agir em momentos que presenciassem casos de preconceito racial, abrangendo ainda mais os verdadeiros conceitos envolvidos na questão étnico-racial.

3.5: Metodologias de ensino: Estratégias Didático-Pedagógicas

Finalizada as palestras que trouxeram subsídios teóricos aos (as) estudantes, iniciou-se a aplicação das metodologias de ensino por meio das estratégias didático-pedagógicas propostas para cada série do ensino fundamental no colégio averiguado.

3.5.1: Jogo com o sexto ano

Destaca-se aqui, a importância do uso de jogos tradicionais ou digitais como ferramenta de apoio ao processo de ensino e aprendizagem, seguindo a linha de pensamento apresentada por Mattar (2010) que defende que as mídias digitais, inclusive os jogos devem fazer parte do ambiente escolar, pois a motivação, engajamento e imersão com que esta geração interage com as mídias digitais fora da escola precisa ser a mesma com que o estudante interage com o conteúdo programático das disciplinas escolares.

Dessa forma, com o sexto ano, por ser uma turma composta por estudantes com idade entre 11 e 13 anos, optamos por um jogo de estratégia, em que os (as) participantes deveriam responder um conjunto de perguntas acerca da temática abordada durante as palestras. Durante o jogo, os (as) alunos (as) se demonstravam um pouco confusos em compreender o

jogo, mas quando compreenderam, logo se interessaram mais e participaram com afinco. Foi possível perceber que os conceitos idealizados pelos (as) meninos (as) haviam se quebrado e eles se mostraram mais abertos a adquirir novos conhecimentos.

3.5.2: Poesias com o sétimo ano

Segundo a afirmação da autora Gerbara (2011, p.33), “(...) ensinar poesia é trabalhar o texto como resposta a uma necessidade, a alguém, a um tempo definido. A poesia dentro dessa concepção é um modo de viver o mundo e cada composição poética reflete quem somos, o que pensamos, sentimos e buscamos”. Partindo do pensamento de Gerbara (2011), com a turma do sétimo ano, decidiu-se que cada aluno (a) deveria escrever um poema sobre a temática tão discutida até aquele momento e que poderia ser elaborado um livro com os poemas escritos.

Em conjunto com os (as) alunos (as) foi decidido que o livro se chamaria “Menos Cor, Mais amor”, observando que nosso trabalho com esta turma foi bem realizado, despertando o interesse e o envolvimento dos (as) estudantes, pois todos se dispuseram a escreverem os poemas e se posicionaram contra os atos de violência ao próximo, contextualizando o prejuízo que atos racistas provocam em seus colegas, em suas escritas.

3.5.3: Exposição de fotos com o oitavo ano

Com a turma do oitavo ano, propôs-se uma exposição de fotos, em que cada um dos (das) alunos (as) ficou de pesquisar e levar duas fotos, uma que expunha a violência por atos racistas e outra que, para contrapor tal atitude, exibia a beleza da cultura afro-brasileira presente em nossa diversidade cultural. Infelizmente, a participação dos (as) estudantes foi inexistente porque, mesmo diante de tantos avisos e lembretes aos alunos (as), nenhum deles se propuseram a levar as fotos, de forma que não conseguimos realizar a tão esperada exposição de fotos.

Deve-se notar que, no Brasil, a discussão sobre o racismo é um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial, sendo esta, uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova incontestável de nosso status de povo civilizado. No entanto, pela visão de Berghe (1995, p.26-44), tem-se a descrição do Brasil como uma sociedade onde as distinções de classe são profundamente

marcadas, onde classe e cor sobrepõem-se, mas não coincidem, onde a classe, muitas vezes, prevalece sobre a cor, e onde a “raça” é matéria de foro individual e de preferência pessoal, ao invés de filiação coletiva.

3.5.4: Dissertações com o nono ano

Para finalizar as ações, propôs-se aos (as) alunos (as) do nono ano que estes elaborassem uma dissertação acerca do tema da cultura afro-brasileira e sobre atitudes de discriminação e preconceito racial. Todos os (as) alunos (as) se propuseram a participar desta ação e escreveram suas redações. Com o auxílio da professora de Língua Portuguesa do Colégio Olynto Pereira de Castro, submetemos as redações escritas a alguns índices avaliadores, sendo possível dar nota para cada uma e, ainda, premiamos as três primeiras notas com medalhas e premiação frente a todos os presentes na escola.

As redações que se destacaram foram as que apresentaram os prejuízos dos atos racistas, em que os (as) estudantes se posicionaram contra os atos de violência e discriminação racial. Estes (as) abordaram a contextualização do racismo em ambiente escolar e os estragos que o mesmo pode causar em crianças e adolescentes.

3.6: Aplicação do segundo questionário

Levando em consideração a técnica de elaboração do questionário, a aplicação inicial e sua reformulação, também se preocupou com sua forma de aplicação. Desta forma, os bolsistas se dividiram e aplicaram o questionário juntamente com os (as) alunos (as), de forma que estes (as) pudessem tirar suas dúvidas iniciais, havendo maior colaboração para com os resultados.

E, por fim, aplicou-se um segundo questionário, com algumas modificações do primeiro, para que pudesse ser analisado se poderia haver diferenças nas respostas dos (as) estudantes, a fim de saber se metodologias de ensino com as estratégias pedagógicas voltadas para as relações étnico-raciais podem provocar uma reflexão efetiva nos (as) estudantes da educação básica.

De modo geral, numa primeira análise observou-se avanços significativos na compreensão do racismo pelos (as) estudantes com a execução deste projeto. No entanto, este texto apresenta algumas discussões das ações realizadas até o momento e o projeto prevê

ainda realizar entrevistas com o corpo docente do colégio onde o projeto está sendo realizado, para análises mais aprofundadas quanto sua realização, haja visto que os questionários não são os únicos instrumentos utilizados nesta.

Ressalta-se também que o grupo de trabalho está realizando um estudo mais criterioso e aprofundado dos diários de bordo utilizados nos diferentes momentos da execução do projeto, assim como planejando e estruturando as entrevistas com os (as) participantes que ainda não foram realizadas.

4. Considerações Finais

Com a realização deste projeto, observou-se um grande avanço dos (das) estudantes em relação à compreensão de conceitos abordadas pela questão étnico-racial. Entretanto, também se percebe que boa parte dos (das) alunos (as) apresentaram desinteresse em contribuir com o projeto seja pela dificuldade de compreensão de algumas palavras, seja por indisciplina ou até mesmo por falta de estímulo.

Nota-se que muitos (as) alunos (as), durante o início das apresentações, não estavam dando a importância necessária, sendo necessário fazer algumas intervenções, principalmente pela indisciplina, algo que reforça a necessidade da discussão teórica no ambiente escolar.

Nesta perspectiva, entende-se que é necessário ampliar os debates no ambiente escolar sobre questões que podem contribuir para o racismo e discriminação presentes na sociedade brasileira como um todo.

É válido ressaltar que a execução deste projeto no colégio contribuiu para a inserção de uma disciplina, por parte do colégio, denominada Educação Racial, que busca abordar as relações étnico-raciais.

5. Referências

BOGDAN, R. e BIKLEN, S.K. *Qualitative Research for Education*. Boston, Allyn and Bacon, inc., 1982;

BRASIL, Congresso Nacional, (1996). Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial, Brasília, 23 de dezembro de 1996, p. 27.833-41. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;

Instituto Brasileiro de geografia e estatística, IBGE, Brasil, 500 anos de povoamento, acesso

em: 26 de março de 2018;

Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Lei de Inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm;

LOPES, Ana Lúcia. Currículo, escola e relações ético-raciais. In: Educação africanidades Brasil. MEC – SECAD – UnB – CEAD – Faculdade de Educação. Brasília. 2006. p. 21-2;

BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1985;

BOGDAN, R. e BIKLEN, S.A. Qualitative research for education. Boston, Allyn e Bacon, 1982;

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2001. (p.102 a 119);

MORETTO, Vasco Pedro. Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007;

MENDES, Iba. A origem do “Preconceito”. IDEAS, 2010.

MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005;

LIBÂNEO, José Carlos. A Didática e as tendências pedagógicas. São Paulo: IDEAS, 1994.